

BETAR & ARTES LETRAS

Indielisboa '14

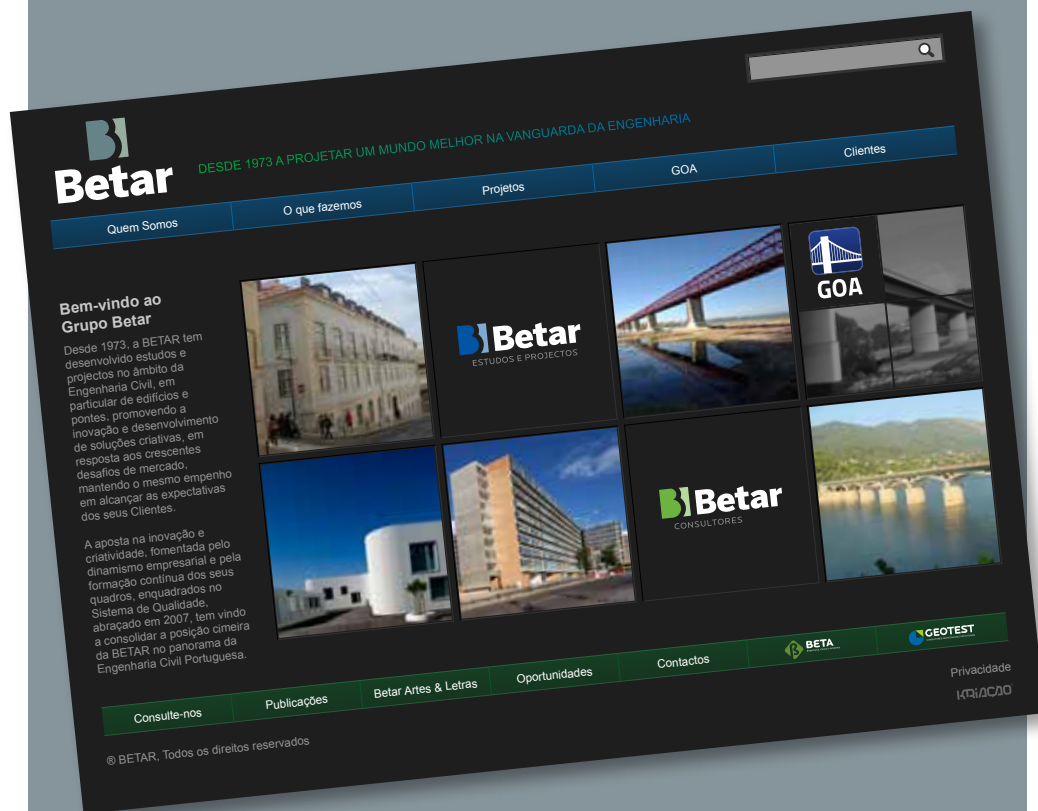
'Gare du Nord', de Claire Simon tem honras de abertura do festival na homenagem à realizadora

B
Betar

ENTREVISTA
AROS.
TOMÁS SALGADO
E NUNO LOURENÇO

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



O mês de Abril brinda-nos com dois excelentes festivais de cinema que dispensam apresentações. O IndieLisboa'14, Festival Internacional de Cinema Independente, regressa a Lisboa com mais de 200 filmes, em onze dias; e a 8ª Festa do Cinema Italiano está de volta ao Cinema São Jorge com a estreia das mais interessantes produções italianas da temporada.

No mês que antecede o início da época dos festivais de verão, há também alguma variedade ao nível da música. O CCB recebe os Stomp, com mais uma prestação invulgar do famoso grupo de percussão, que utiliza objetos pouco convencionais, como caixotes de lixo, vassouras, latas e bidões; Sérgio Godinho canta à liberdade, no teatro São Luiz; Caetano Veloso regressa a Portugal com um espetáculo que cruza o mais recente álbum com as maiores canções da sua carreira; e estão de volta também os “Dias da Música em Belém”, no CCB, desta vez com uma reflexão sobre esta mudança dos tempos.

Aos palcos sobem ainda as peças “O Senhor Ibrahim e as Flores do Corão”, no Teatro Meridional; “Decreto-lei n.º 22:992”, no Teatro Maria Matos; “O regresso a casa”, no Teatro Nacional D. Maria II; e “Pobre milionário” no Casino Lisboa.

Nesta edição destaca-se ainda a entrevista aos arquitetos Tomás Salgado e Nuno Lourenço, que nos contam um pouco da história do Atelier Risco, da fundação até aos desafios atuais, a quem agradecemos a colaboração e disponibilidade.

MARIA DO CARMO VIEIRA

ENTREVISTA

Na maior parte dos projetos que fazemos, é difícil dizer, no final, quem foi o autor. Todos vão metendo a colher'

Os arquitetos **Tomás Salgado** e **Nuno Lourenço** falam da equipa do Atelier Risco. Por Cátia Teixeira



Edifícios Sky, em Luanda



Edifícios Sky, em Luanda

O arq. Tomás Salgado licenciou-se em Lisboa, em 1994, fez o 5º ano em Barcelona e estagiou em Milão. O que é que cada cidade lhe deu?

TS - Barcelona tinha, na altura, uma pujança cultural que Lisboa não tinha. Uma diversidade incrível de espetáculos, restaurantes, boa arquitetura, etc. que foi muito importante na minha formação. Milão foi uma coisa completamente diferente. Particpei em projetos numa estrutura com uma dimensão muito diferente dos ateliers de arquitetura em Portugal, naquela época. A Gregotti Associati Internacional já devia ter umas sessenta pessoas, era uma estrutura bastante profissional, e tinha aquela figura mítica que é o arquitecto Vittorio Gregotti, uma pessoa muito carismática.

Em 1995 integrou a equipa do Risco. Como foi o percurso do atelier?

TS - O Risco, até 1988, era uma estrutura muito pequena, composta pelo meu pai e mais duas ou três pessoas, que fazia essencialmente Planos e estudos urbanísticos. Em 1998 levou

uma grande volta, quando o Vittorio Gregotti ganhou o concurso para o Centro Cultural de Belém e o Risco passou a ter vinte e tal pessoas totalmente focadas nesse projeto. Quando fui para Milão o Risco dava os primeiros passos no projeto da EXPO'98, que viria a ser o mais transformador desta casa. Nessa altura integrei a equipa, juntamente com o Nuno Lourenço, o João Almeida e o Jorge Estriga. O Carlos Cruz já cá estava. Desse grupo, eu, o Nuno, o Carlos e o Jorge viríamos a assumir a coordenação dos projetos do Risco, depois da saída do meu pai.

Fale-nos do trabalho em conjunto com o seu pai, o arq. Manuel Salgado.

TS - Trabalhámos todos com ele, entre 1995 e 2007. Penso que a opinião é geral, ele foi absolutamente determinante naquilo que somos hoje. Na forma como encaramos a arquitetura e o desenho urbano, na postura ética em relação ao trabalho, na relação com os clientes. Foi, inquestionavelmente, a pessoa que mais nos marcou. Ver os projetos de arquitetura como parte da cidade, e os projetos urbanos não ape-

nas como planeamento mas tendo uma relação muito forte com a arquitetura foi talvez o mais importante que aprendemos com ele.

Que características distinguem cada um?

TS - O Nuno está, claramente, mais ligado aos projetos urbanos porque tem uma apetência especial para isso, embora neste momento esteja a coordenar o projeto de um hospital, o que é uma coisa boa porque significa que as pessoas não ficam presas àquilo a que mais se dedicam; o Jorge tem uma capacidade fora do normal para gerir equipas mais complexas e situações de pressão; o Carlos tem um talento para o desenho que mais nenhum de nós tem; e o João Almeida é aquela que tem maior atenção ao detalhe e maior sensibilidade para as questões dos materiais; a Cristina Picoto para os interiores, etc.

Como é que mobilizam o atelier para os projetos de grande envergadura?

TS - Lembro-me que no projeto do CCB havia uma grande preocupação com o traçado urba-



no. A estrutura base é definida pelas ruas que dividem os três módulos e pelo eixo que liga a Praça do Império à Torre de Belém. Nos nossos projetos de grande escala a morfologia também é, na maioria dos casos, gerada por traçados urbanos. No caso do CCB havia igualmente um grande pragmatismo relativamente às regras de desenho, regras geométricas que foram seguidas até à exaustão. Desde os revestimentos interiores até às fachadas. No Estádio do Dragão e no Hospital da Luz, embora essas regras não fossem tão explícitas, existia também essa disciplina. Só assim é que se conseguem gerir equipas. O fundamental é deixar espaço para, pontualmente, quebrar essas regras de desenho...

NL – As equipas também se mobilizam com a complementaridade dos talentos de cada um. O Manuel Salgado tinha a capacidade de gerir os diferentes talentos como contributos que se complementam. Isso é um elemento de motivação que penso que continua presente e que se cruza com a disciplina de que falava o Tomás. É um pouco como na música, em que há uma pauta e uma métrica para que cada um se possa organizar.

TS – Recordo-me de uma entrevista, que li na vossa revista, com um coletivo de colegas nossos, que diziam que era perfeitamente claro quem era o autor interno de cada um dos projetos do atelier. Aqui a situação é diferente, na maior parte dos projetos que fazemos, é difícil dizer, no final, quem foi o autor. Todos vão mettendo a colher, em determinado momento, e eu, que tenho um pouco a função de coordenação geral, promovo bastante isso.

O Risco está muito ligado ao Design Urbano. Porque é que é tão importante?

NL - Nós chamamos-lhe desenho urbano porque “design urbano”, fora do contexto anglo-sa-

xónico, pode ser confundido com equipamento ou mobiliário urbano. O que temos vindo a fazer é conceber espaços urbanos numa perspetiva simultaneamente urbanística, relativamente aos edifícios, e arquitetónica na concepção das características dos espaços coletivos. Isto significa que desenhar os limites genéricos do espaço não é independente de saber como se organiza, pavimenta, ilumina ou arboriza o intervalo entre os edifícios. Por iniciativa própria e pelo reconhecimento de projetos anteriores, como a EXPO '98 ou o CacémPolis, temos apostado nessa abordagem que implica uma consciência bastante alargada das complexidades processuais que estão por detrás da construção da cidade.

TS – Eu diria que há muita competência dos arquitetos portugueses para o desenho do espaço público, ao nível dos pavimentos, do equipamento urbano e da integração do paisagismo. Mas o desenho urbano como nós o entendemos é um pouco diferente porque começa mais atrás. Implica ter uma capacidade muito grande de interação com o poder político e económico porque, inevitavelmente, as cidades desenham-se com aqueles que as exploram enquanto negócio e aqueles que as transformam por vontade política. Penso que temos a capacidade de fazer a síntese das vontades desses atores com outros inputs, não menos importantes, como são as questões ambientais, da mobilidade, do património, etc.

A ligação com a BETAR é para durar?

TS – Sem dúvida nenhuma. Iniciou-se com o projeto dos edifícios Sky II e Sky Business, que projetámos para Angola. Ficámos bastante ligados, em particular ao Miguel Vilar que tem uma sensibilidade muito grande para as questões da arquitetura e percebe rapidamente aquilo que queremos. Tem uma força de vontade enorme para explorar as soluções possíveis, e até impossíveis, para materializar as nossas opções.

Abril brinda-nos com festivais que dispensam apresentações. O IndieLisboa'14 regressa com mais de 200 filmes e o 8ª Festa do Cinema Italiano com interessantes produções italianas



**De 24 de Abril a 4 de Maio
IndieLisboa'14**

Culturgest, Cinema São Jorge, Cinemateca Portuguesa, Cinema City Campo Pequeno

O Festival Internacional de Cinema Independente chega a Lisboa com mais de 200 filmes, em onze dias. As palavras de ordem são independência e liberdade e o mote para 2014 é o da liberdade autoral: “Realizadores independentes, decisões independentes”.

Esta edição marca o regresso do Herói Independente, a secção que dá a conhecer o cinema que vive à margem dos circuitos comerciais, e onde a realizadora homenageada é Claire Simon. A sua última longa metragem “Gare du Nord” terá as honras da abertura do festival, no dia 24 de Abril, no Cinema São Jorge. A Competição Internacional de Curtas Metragens integra três filmes muito aguardados: “White Roses”, do realizador português Diogo Costa Amarante; “Mille Soleils”, da realizadora e atriz Mati Diop; e “IRL”, de Grant Singer.

De 10 a 18 de Abril

8ª Festa do Cinema Italiano

Cinema São Jorge

O cinema italiano regressa a Lisboa com a estreia das mais interessantes produções italianas da temporada, convidados de renome, homenagens a grandes figuras do cinema e eventos que vão dar à cidade um verdadeiro ambiente de festa. A programação da 7ª edição do 8ª Festa do Cinema Italiano, cujo tema é a “Família Italiana – La Famiglia”, inclui a exibição de 39 filmes, entre as quais, cinco ante-estreias. A sessão de abertura conta com “Viva la Libertà”, de Roberto Andò, e no encerramento estará “Il Capitale Umano”, de Paolo Virzì.

Como já vem sendo habitual, o festival percorrerá outras cidades portuguesas, como Coimbra, Porto, Funchal e Loulé, e volta a apostar numa digressão em África e outros países lusófonos.



No mês da Páscoa e da Liberdade há alguma variedade ao nível da música. A Artes&Letras sugere algumas propostas que antecedem a época dos Festivais de Verão



Stomp

De 9 a 12 de Abril no CCB

CONCERTO

Os Stomp apresentam-se novamente em Lisboa para mais uma prestação invulgar. O famoso grupo de percussão, que utiliza também a dança e a dramatização de filmes para a composição dos seus espetáculos, promete muito ritmo, animação e, claro, o uso de objetos pouco convencionais, como caixotes de lixo, vassouras, latas e bidões, os ingredientes que garantem a criatividade dos seus espetáculos.



Sérgio Godinho: Liberdade

De 10 a 12 de Abril no São Luiz

CONCERTO

No mês em que se celebra a Liberdade, o São Luiz abre as portas a Sérgio Godinho para que possa, ao longo de três dias, rever, através do seu repertório, os quarenta anos do Portugal democrático. Desde a música empenhada, bandeira de causas e consciência social, ao diário íntimo e plural, uma visão de nós próprios a partir do trabalho de um dos mais importantes criadores de imaginário destas últimas quatro décadas.



Caetano Veloso

Dia 28 de Abril no Coliseu dos Recreios

CONCERTO

Caetano Veloso regressa a Portugal com um espetáculo que cruza o último álbum com as maiores canções da sua carreira. A mais recente reinvenção do génio da música popular brasileira sugere “Abraço”, um espetáculo multipremiado, com um belíssimo cenário de Hélio Eichbauer. Com uma carreira que já ultrapassa as quatro décadas, Caetano Veloso construiu uma obra musical memorável com grande valor intelectual e poético.



Dias da Música em Belém

Dias 2, 3 e 4 de Maio no CCB

CONCERTO

Em Maio, o CCB vai realizar mais uma edição do festival Dias da Música em Belém, este ano dedicado ao tema “Mudam-se os tempos... Música para tempos de mudança”. A arte, no geral, e a música, em particular, são uma excelente forma para observar a mudança dos tempos. Nesta edição do festival propõe-se uma reflexão sobre esta mudança tal como nos é narrada através da música, ao longo de todas as épocas.



Concertos e Óperas em abril

por António Cabral

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Em Abril a Fundação Gulbenkian apresenta 11 concertos. Não os podendo comentar a todos a escolha feita é subjetiva. E a iniciar não posso deixar de destacar a transmissão do MET de New-York da Ópera “La Bohème” de Puccini no dia 10 às 19 horas no Grande Auditório.

6/4 às 19 horas (Grande Auditório)

Eis um concerto a que não podem assistir (só por milagre, está há muito esgotado!). Orquestra Sinfónica da Rádio da Baviera; Coro Gulbenkian; Maestro Gustavo Dudamel (a estrela mediática da atual música clássica). No programa Stravinsky e Beethoven.

8/4 às 19 horas (Grande Auditório)

O pianista Artur Pizarro continua a sua integral das Obras para Piano de Rachmaninov, 14/4 e 16/4 às 19 horas (Grande Auditório)

Cumprindo a tradição: Concerto Pascal da Gulbenkian. Como é hábito o Maestro Michel Corboz. O Coro e Orquestra da Gulbenkian e Solistas internacionais de excepcional qualidade. No programa um dos “Monumentos” da Música: A Paixão Segundo S. Mateus de Johann Sebastian Bach.

22/4 às 21 horas (Grande Auditório)

Outro concerto só com obras do outro “monstro” do Barroco: Handel (Bach e Handel, as duas maiores figuras do Barroco musical nasceram no mesmo ano de 1685). Intérpretes: Orquestra Barroca de Helsinkia; a soprano Julia Lezhneva e o Maestro Aapo Hakkinen.

24/4 às 19 horas (Grande Auditório)

A Orquestra “Gustav Mahler Jugendorchester” (visita habitual da Gulbenkian), a soprano Christiane Karg e o Maestro David Afkham interpretam Wagner (Abertura do 3º ato do

Parsifal), Alban Berg (Sete canções de Juventude) e Mahler (Sinfonia nº 4, na qual o quarto andamento tem uma belíssima intervenção do soprano).

30/4 às 21,30 horas (Igreja de S.Roque)

Os sete cantores de “Graindelavoix” interpretam a “Messe de Notre Dame” de Guillaume de Machaut (1300-1377). Trata-se da primeira missa completa a sobreviver até aos nossos dias.

CENTRO CULTURAL DE BELEM

6/4 às 17 horas (Grande Auditório)

Mahler - 2ª Sinfonia; Orquestra Sinfónica Portuguesa; Coro do Teatro S. Carlos; Dora Rodrigues e Maria José Montiel; Dir. Joana Carneiro.

18/4 às 21 horas (Grande Auditório)

Comemoração do 10 Anos da Orquestra Divino Sospiro. Barrocos: Lully, Handel, o português Avondano, Scarlatti e Corelli; Dir. M.Mazzeo e G.Bertagnolli

19/4 às 19 horas (Grande Auditório)

Requiem Inês de Castro de Pedro Macedo Camacho, compositor português nascido em 1979; Orquestra do Norte; Coro Sinfónico Inês de Castro; Carla Caramujo (s.) e R.Carvalho (b.); Dir. Artur P. Maria

ORQ. METROPOLITANA DE LISBOA

12/4 às 21:30 horas

Teatro Thalia (Estrada das Laranjeiras 205): “As sete últimas palavras de Cristo na Cruz” (1786) de J.Haydn (versão para quarteto de cordas e contrabaixo a partir da obra Sinfónica do ano anterior) por solistas da Orquestra Metropolitana. Trata-se de uma obra de grande qualidade e religiosidade bem adequada à quadra Pascal.

Em Abril, as sugestões de teatro são variadas e de grande interesse. Da comédia ao drama, há de tudo nos palcos da capital. Escolha o que mais lhe interessa e vá assistir a uma peça



O Senhor Ibrahim e as Flores do Corão

Na Rua Bleue, nos arrabaldes de Paris, um rapazinho judeu torna-se amigo do velho merceiro árabe da rua, o Sr. Ibrahim, aquele que diz “árabe” significar “mercearia aberta”. Através desta relação improvável, o jovem, que o merceiro apelida de Momo, inicia um conjunto de viagens, compreendidas nos prostíbulos do bairro, na Paris dos postais turísticos, na paisagem marítima da costa da Normandia ou numa derradeira jornada rumo ao Oriente até à casa do Sr. Ibrahim. A solo, acompanhado à viola e piano pelo músico Rui Rebelo, Miguel Seabra narra esta história de amizade e tolerância, protagonizada por duas personagens separadas pela idade e pelo credo, mas unidas pelo poder dos sentimentos e das emoções. Um espetáculo belo e singular que o Teatro Meridional escolheu para assinalar os 20 anos da companhia. Estreado em 2012, no Festival de Almada, o espetáculo mereceu o Prémio do Público.

Teatro Meridional

Até 13 de Abril

Encenação e interpretação: Miguel Seabra



Decreto-lei n.º 22:992

“Decreto-lei n.º 22:992” é o resultado de uma longa recolha realizada por Teresa Sobral de testemunhos de ex-presos políticos, documentos de particulares e da PIDE, notícias oficiais e clandestinas, fotografias e filmes relativos ao período compreendido entre 1933 e 1974. Durante décadas, direitos humanos fundamentais foram violados. Prisões ilegais, torturas físicas e psicológicas, detenções sumárias, trabalhos forçados, expropriações de bens particulares e até mortes. Nove intérpretes representam no palco os milhares de homens e mulheres que estiveram presos em Portugal por razões políticas, durante o Estado Novo. Além da motivação política que fez uns serem presos e outros prender, os testemunhos contam-nos o que aconteceu a estes homens e mulheres dentro de muros. Este espetáculo é uma viagem às memórias de outros, com os quais nos confundimos, porque foram eles, mas poderíamos ter sido nós.

Teatro Maria Matos

De 23 a 30 de Abril (excepto 28)

Criação: Teresa Sobral

Interpretação: Anabela Brígida, Carla Bolito, Elsa Galvão, João Pinto, Filipe Duarte, Joana Solnado, João Saboga, Marco D’Almeida e Romeu Costa



O regresso a casa

A ação passa-se numa casa modesta de um bairro operário do Norte de Londres. Tudo começa quando Teddy, professor universitário, regressa à casa do seu pai, Max, para lhe apresentar a mulher, Ruth. Max foi talhante, o tio é taxista, o irmão mais novo quer ser lutador de boxe, o do meio move-se no meio da prostituição. São vários homens, uma mulher. Mas o que se passa quando Ruth decide aceitar que o marido se vá embora sem ela? E, aceitando prostituir-se, integrar aquela família? Sexo, poder masculino, luta, ameaças. E o que é esta casa aparentemente banal, com escadas e móveis baratos? Um tempo em que passado e presente se misturam, uma casa de sonhos? Subentendidos, mal-entendidos, silêncios, poder e conquista de poder. Escrita em 1964, esta foi a terceira peça longa de Harold Pinter e, para muitos, debaixo da aparentemente banalidade do visível, a sua obra mais complexa.

Teatro Nacional D. Maria II

De 3 a 27 de Abril

Encenação: Jorge Silva Melo

Interpretação: João Perry, Rúben Gomes, Maria João Pinho, Elmano Sancho, João Pedro Mamede e Jorge Silva Melo



Pobre milionário

Quando um homem perde o emprego, a mulher e já não lhe restam amigos, corre o risco de se tornar invisível? E se isso acontecer, uma mentira poderá mudar a sua vida? Francisco Pinho acredita que sim, quer tornar-se interessante e está disposto a tudo. Ser investigado por um fiscal das finanças parece-lhe ser o plano perfeito para voltar a “existir”. Mas será que resulta? E se a mentira se tornar realidade? Dez anos após o sucesso de O Jantar de Idiotas (2004), Miguel Guilherme volta a protagonizar um texto de Francis Veber. “Pobre Milionário” é uma comédia sobre o poder do dinheiro num mundo onde a aparência de o ter (ou não) dita o sucesso. Mais atual não podia ser, a peça apresenta-se como um retrato desse vil metal que comanda a vida. Esta farsa do dramaturgo francês, originalmente passada em Paris, é revitalizada para atualidade de Lisboa, tocando nos assuntos que perseguem os cidadãos portugueses.

Casino Lisboa

Até 30 de Abril

Encenação: José Wallenstein

Interpretação Miguel Guilherme, Rui Melo, Nuno Melo, Rita Loureiro, Maria João Abreu, Rita Calçada Bastos e Sinde Filipe

LIVROS

Ler nunca passará de moda e todos os meses surgem excelentes propostas de livros. As mais recentes obras de Isabel Allende e Lidia Jorge são de considerar, por isso aqui as apresentamos



Isabel Allende *O Jogo de Ripper*

A jornalista e escritora chilena Isabel Allende conta aqui a história de mãe e filha, Indiana e Amanda Jackson. São as melhores amigas mas diferentes em (quase) tudo. A mãe é uma terapeuta holística, que valoriza a bondade e a liberdade de espírito, sendo há muito divorciada do pai de Amanda. Teima em não se comprometer com qualquer outro homem, mesmo sabendo que conta com dois interessados: Alan, um membro da elite de S. Francisco, e Ryan, um enigmático antigo marinheiro profundamente marcado pela guerra. Enquanto Indiana vê sempre o melhor nas pessoas, a filha sente uma fascinação especial pelo lado mais obscuro do ser humano. Introversa mas brilhante, Amanda é uma investigadora, viciada em livros policiais e em Ripper, um misterioso jogo online. Quando uma série de crimes ocorre em S. Francisco, os membros de Ripper saem das suas investigações policiais, descobrindo ligações entre os crimes bem antes da polícia.



Lidia Jorge *Os Memoráveis*

Em 2004, Ana Maria Machado, repórter portuguesa em Washington, é convidada a fazer um documentário sobre a Revolução de 1974. A jornalista aceitou o desafio e contratou dois antigos colegas; os três jovens entrevistam intervenientes e testemunhas do golpe de Estado, revisitando os principais mitos da Revolução. Este percurso permite surpreender o efeito da passagem do tempo, mas não apenas sobre esses heróis, como também sobre a grandeza e as misérias da sociedade portuguesa. As personagens de “Os Memoráveis”, transfiguradas, como se sobreviventes de um tempo já há muito ido de tratassem, tentam recriar a ilusão revolucionária, a desilusão vivida por muitos dos participantes, mas também o duro caminho para a Democracia. Só que há uma outra ação que decorre paralelamente, mais pessoal e íntima: centra-se na história do pai da protagonista, António Machado, contando o destino que cai sobre os restantes intervenientes.

ARTES

Contemporâneos mas com trabalhos muito diferentes, Jiang Shanqing e Carla Cabanas têm destaque nesta edição. O tempo ainda pede o aconchego dos museus, por isso não perca

MUSEU DO ORIENTE

Jiang Shanqing

Até 27 de Abril

Jiang Shanqing, grande pintor contemporâneo chinês, nasceu em Haining em 1961. Dizem-no “habitado por uma luta interior entre o racional e a intuição”. Todo o seu saber reside no facto de conseguir dominar a tinta sobre o papel chegando a criar diferentes tonalidades de manchas. Segundo Yves Kobry crítico e historiador de arte “se a fonte de inspiração de Jiang Shanqing é profundamente chinesa, quer pelo espírito que o habita quer pelas técnicas empregues, ela não é estranha para um ocidental lembrando, pela dinâmica gestual, certos artistas do século XX como Jackson Pollock”. No entanto existe uma diferença. Jiang nunca satura o espaço, antes deixa o movimento flutuar livremente no suporte de papel, conservando assim a sua autonomia e dinâmica. Por mais abstrato que seja o motivo, o mundo visível permanece sempre subjacente e conserva o seu poder evocativo.



MUSEU DA CIDADE

Carla Cabanas, o que ficou do que foi

De 8 de Março a 20 de Abril

Carla Cabanas explora a problemática da memória e da sua perda que a mutabilidade do tempo sempre transporta. Ora o museu é o lugar por excelência onde se tenta preservar, para transmitir às gerações futuras, os testemunhos do passado. Um museu que pretende contar a evolução urbana de uma cidade investe, com este convite, numa nova leitura, passível de transmitir outras mensagens. O veículo comunicacional tanto pode ser a presença palpável de uma antiga maqueta de um território desaparecido, como a visão pessoal de Carla Cabanas que nos leva por outros caminhos e nos possibilita relembrar o que foi. As imagens do arquivo fotográfico sobre as demolições de partes significativas da velha Mouraria serviram de mote a este percurso pessoal, onde a memória se esbate num processo criativo que nos põe em confronto com as nossas próprias lembranças afetivas em relação aos lugares.

Este mês, Londres, Madrid e Paris abrem as portas a grandes artistas. Matisse, Dario Regoyos e Bill Viola são exemplos nas suas áreas artísticas e por isso merecem destaque



Tate Britain, Londres

Henri Matisse

De 17 de Abril a 7 de Setembro

Reunindo cerca de 120 trabalhos, muitos juntos pela primeira vez, esta exposição celebra o período entre 1936 e 1954, quando problemas de saúde impediram Matisse de pintar e o artista começou a recortar papel pintado para fazer maquetes. Nos recortes, os contornos assumem formas esculturais e as folhas de papel pintadas são confundidas com a luminosidade característica dos vitrais. Henri Matisse é uma figura importante da arte moderna, com uma carreira de mais de meio século onde, do grande corpo de trabalho criado, os recortes são um brilhante capítulo final.

Museu Thyssen Bornemisza, Madrid

Dario Regoyos

Até 1 de Junho

Organizada para marcar o centenário de sua morte, esta exposição apresenta uma retrospectiva abrangente da carreira de Dario Regoyos, principal representante do impressionismo espanhol. Com mais de cem obras que mostram as diversas formas de expressão, os juros evolução temática e estética de sua carreira, a mostra demonstra a originalidade na representação de fenómenos atmosféricos e fazer paisagens que tornaram Regoyos um dos artistas mais inovadores do panorama artístico espanhol da sua época.



Grand Palais, Paris

Bill Viola

Até 21 de Julho

Bill Viola é, sem dúvida, o mais famoso representante da videoarte. Um grande conjunto de sua obra, de 1977 até hoje, combinando tabelas e instalações monumentais, é apresentada pela primeira vez no Grand Palais. Na busca do íntimo e universal, o artista expressa sua jornada emocional e espiritual através de grandes temas metafísicos - vida, morte, transfiguração...

“Abril frio e molhado enche o celeiro e farta o gado”! As sugestões de M^aJoãoCD para o Porto no 40^o aniversário do 25 de Abril!

Teatro, Ballet e Música

TEATRO SÁ DA BANDEIRA: “Os idiotas”, Idiots of Ants, interpretação A. Lima, J. Pedro Gomes, Jorge Mourato e Ricardo Peres (4,5,11 e 12). **CASA DA MÚSICA:** Resistência, “Palavras ao vento” (15); “Requiem”, Coro C.M., Duarte Lobo, A. Ginasterra e D. Elder (17); “Quarteto de cordas de Matosinhos”, Mozart, Bochmann, Béla Bartók (22); Orquestra Barroca C.M. e OSP, Schönberg, Händel, Schoenberg (25); “Amor em tempo de guerra”, Biber, Monteverdi, Lopes Graça (26); “Banda militar do Porto” (27-12h), “O soldado desconhecido”, Remix Ensemble, Stravinski e Aperghis (27-18h); “Curado” Balleteatro pela Associação de Deficientes das Forças Armadas evocando a 1^a Guerra Mundial (30); “Champagne for gypsies” com Goran Bregovic, de Sarajevo, e orquestra de metais ciganos (1 mai); Orquestra sinfónica de Castilla y León: “Concerto para Violino de Tchaikovski” (3 e 4 mai); “Peter Eotvos, o maestro” (6 mai). **COLISEU:** “Kintal Raggae Festival” (11 e 12); “Carlos do Carmo, Fado é amor” (12); “Oratório de Páscoa de Bach” (13); “Leandro Tour 2014” (26); “Composições da Fábrica dos Sonhos” (música para filmes) (4 mai); “Ney Matogrosso” (10 mai). “Ballet real do Cambodja” (7 mai). **PAVILHÃO ROSA MOTA:** “IPO-Porto, 40 anos”, concerto solidário (17). **TEATRO SÁ DA BANDEIRA:** Tributo a Zaca Afonso (25)

Exposições

BIBLIOTECA A. GARRETT: “Porto Poetic”, projetos dos arquitetos da “Escola do Porto” (até 13). **TEATRO CAMPO ALEGRE:** “Revisitar a Foz” por Jorge de Melo (até 30). **REITORIA DA UNIVERSIDADE:** “No Coração do Porto”, pintura e escultura de José Rodrigues e Isabel Saraiva (até 30). **GALERIA ADORNA CORAÇÕES:** “Ala dos Namorados”, referência ao grupo de jovens cavaleiros da batalha de Aljubarrota (até 2 mai). **CENTRO P. FOTOGRAFIA:** “Do outro lado do mar, Porto-Nagasáqui, imagens comuns” (até 1 jun). **MUSEU DAS MARIONETAS DO PORTO:** “O Segredo das Flores” e “M.M.M.M.” (até jul). **SERRALVES:** “Blue Lines, Red Threads: Tendências Sociais em Publicações de Artista” (até 1 jun).

E ainda

CINE ESTÚDIO do TEATRO DO CAMPO ALEGRE: “Noé” de Darren Aronofsky e “A Dois Passos do Estrelato” de Morgan Neville (10); “Grand Budapest Hotel” de Wes Anderson, “Sacro GRA” de Gianfranco Rosi, “Jovem e Bela” de François Ozon (17); “Depois de Maio” de Olivier Assayas, “Não Há Duas Sem Três” de Nick Cassavetes (24); “Grigris” de Mahamat-Saleh Haroun (1 mai); “Um Castelo em Itália” de Valeria Bruni-Tedeschi (8 mai). **PARQUE ORIENTAL:** Porto Anti Stress Abril: dias 13 e 27 (9 às 11h). **SERRALVES:** “A Primavera no Parque” (12 às 15h); “A Casa de Serralves vista por... Bernardo Rodrigues” (26 às 16h).



Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

**ALGUNS TRABALHOS
TOMÁS SALGADO E NUNO LOURENÇO
EDIFÍCIOS SKY, EM LUANDA**